

ARTIGO

**SAMAMBAIA X CERCADINHO: O BRASIL DE ELIZABETH BISHOP E DE
EVELYN SCOTT**

(Samambaia x Cercadinho: Elizabeth Bishop and Evelyn Scott's Brazil)

Maria das Graças Salgado ¹
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Recebido em: outubro de 2020
Aceito em: novembro de 2020
DOI: 10.26512/les.v22i1.34815

¹ Professora Associada de Inglês na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa no campo da Análise Crítica do Discurso tendo publicado artigos sobre gênero, memória e emoção em diferentes tipos de discurso. Tradutora. Membro da Evelyn Scott Society, entidade vinculada à American Literature Association (ALA). Líder do Grupo de Pesquisa GEDIR: Gênero, Discurso e Imagem (CNPq/UFRRJ). mgssalgado@hotmail.com.

RESUMO

Este trabalho analisa o discurso que Elizabeth Bishop (1911-1979) e Evelyn Scott (1893-1963) construíram sobre o Brasil a partir de suas experiências no país. A primeira, no pós-Segunda Guerra, a última, durante a Primeira Guerra Mundial. Trazendo uma formação social de elite, como viram o Brasil daqueles tempos? Que relações estabeleceram com a língua e a cultura? Que emoções vivenciaram na nova sociedade? Amparada em perspectivas da Análise Crítica do Discurso e da Antropologia das Emoções, a análise se baseia principalmente em Escapada (2019), autobiografia de Scott, e em poemas e artigos críticos sobre Bishop.
Palavras-chave: Elizabeth Bishop. Evelyn Scott. Discurso. Brasil.

ABSTRACT

This paper analyzes the discourse that Elizabeth Bishop (1911-1979) and Evelyn Scott (1893-1963) constructed about Brazil from the starting point of their experiences in the country. The first, during post-World War II, the latter, during World War I. Carrying an elite social background, how did they view Brazil of those days? Which relationships did they establish with its language and culture? Which emotions did they experience in the new society? Supported by perspectives of Critical Discourse Analysis and of Anthropology of Emotions, the analysis is based mainly on Escapada (2019), Scott's autobiography, and on poems and critical articles about Bishop.

Keywords: Elizabeth Bishop. Evelyn Scott. Discourse. Brazil

RESUMEN

El presente trabajo analiza el discurso que Elizabeth Bishop (1911-1979) y Evelyn Scott (1893-1963) construirán sobre el Brasil a partir de sus experiencias in el país durante el pos-Segunda Guerra Mundial y la Primera Guerra Mundial respectivamente. Al pertenecer a una formación social de elite, ¿cómo viran al Brasil de aquel entonces? ¿Qué relación establecerán con la lengua y cultura? ¿Qué emociones vivenciaron en la sociedad? Amparado en la Análisis Crítico del Discurso y la Antropología de las emociones, el análisis ten como base principal Escapada (2019), autobiografía de Scott y poesías y artículos sobre Bishop.
Palabras clave: Elizabeth Bishop. Evelyn Scott. Discurso. Brasil

INTRODUÇÃO

O Brasil teve o privilégio de receber importantes escritoras estrangeiras de várias partes do mundo durante o período que compreende as duas guerras mundiais e seus respectivos pós-guerra. Algumas delas adotaram o país e por aqui se estabeleceram pelo resto de suas vidas. Outras, por vontade própria, ou por força das circunstâncias, viveram durante muitos anos até retornarem para seus países de origem, ou partirem para outros destinos. Entre as que viveram no Brasil por um bom tempo antes de retornarem para seus países encontram-se as modernistas americanas Elizabeth Bishop (1911-1979) e Evelyn Scott (1893-1963).

O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos da experiência das escritoras no Brasil e o discurso que construíram sobre o país a partir dessas experiências, cada uma delas inserida em um contexto histórico e social específico. No caso de Bishop, a experiência aconteceu durante o pós-Segunda Guerra Mundial, aproximadamente entre 1951 e 1970. Já Scott viveu no país durante o período que compreende toda a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1919. Trazendo a bagagem de uma formação social de elite, como teriam visto o Brasil daqueles tempos? Que relações

estabeleceram com a cultura e a língua da sociedade local? Que tipo de emoções vivenciaram na nova realidade social? Até que ponto o Brasil representou um lar e que tratamento receberam do Brasil? Enfim, que aspectos aproximam ou distanciam suas experiências, portanto, seus discursos sobre o desconhecido ‘país do futuro’?

A perspectiva teórica da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1989; WODAK, 1989; VAN DIJK, 1990) e da antropologia das emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990) ajudam a compreender a dimensão discursiva e emocional dessas experiências enquanto práticas sociais realizadas por meio da linguagem em situações de uso.

Metodologicamente o material foi analisado obedecendo um critério cronológico, partindo da experiência mais recente para a mais antiga, ou seja, analisa-se primeiro o material relacionado à Elisabeth Bishop (MARTINS, 1992; BRITTO, 1999; ROEFERO, 2010; GOUDEAU, 2014). Em seguida, aquele que diz respeito a Evelyn Scott (SCURA, 1985; MAUN, 2002, 2012; SCOTT, 2019 [1923]). Além de alguns poemas e artigos críticos sobre ambas as escritoras, no caso de Evelyn Scott, o material da análise compreende principalmente a autobiografia *Escapada*, um minucioso relato sobre seu cotidiano no Brasil. O desconhecimento no Brasil sobre esta obra de Scott - escrita *in loco* durante a Primeira Guerra -, e a controvérsia em torno das opiniões políticas de Bishop sobre o Brasil à época do Pós-Segunda Guerra justificam a proposta do presente trabalho.

O artigo está organizado em três seções. A seção 1 compreende uma breve descrição dos conceitos de discurso e de emoção. A seção 2 diz respeito à análise propriamente e está dividida em três subseções. Na subseção 2.1, dados e considerações são apresentados no intuito de contextualizar brevemente o *background* familiar e sociocultural das escritoras em tela. Na subseção 2.2, considerando o critério cronológico explicitado acima, analisa-se a experiência de Elisabeth Bishop no contexto social a que ela teve acesso no Brasil. Na subseção 2.3, investiga-se a experiência social e o processo de adaptação de Evelyn Scott no Brasil, também considerando o tipo de contexto social a que ela teve acesso. Em seguida, considerações finais são feitas utilizando os poemas “Canção nos tempos de chuva”, de Elisabeth Bishop, e “Mail on the ranch” [Correspondência no Rancho], de Evelyn Scott, como exemplos emblemáticos dos espaços sociais brasileiros ocupados por cada uma delas respectivamente: a Fazenda Samambaia, na região serrana de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, e o Rancho Cercadinho, no alto sertão da Bahia.

1. CONCEITOS RELEVANTES

1.1 Duas palavras breves sobre Discurso

O termo discurso faz parte do vocabulário de praticamente todos os campos do saber. Qualquer pesquisador das ciências humanas ou de outras áreas do conhecimento interessado em estudar questões como desigualdade, poder, identidade, gênero, raça, entre outras, fará uso da palavra ‘discurso’ em algum momento de sua análise. Isso atesta a natureza transdisciplinar e diversificada do conceito. Estudos indicam a existência de pelo menos três linhas associadas à essa diversidade, cada uma delas adotando o termo discurso conforme sua orientação. A primeira, orientada pela tradição da Alemanha e da Europa Central, usa o termo discurso para se referir à linguística do texto. A segunda, acompanha a tradição anglo-americana se referindo a discurso como texto escrito e oral. E a terceira, de tradição foucaultiana, percebe discurso como uma forma abstrata de conhecimento, entendido como cognição e emoções (JÄGER; MEYER, 2009; WODAK; MEYER, 2009). Todavia, o sentido foucaultiano desenvolvido pela análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1989; WODAK, 1989; VAN DIJK, 1990; FOWLER, 1991) preconiza que discurso se refere à formação de conhecimentos, práticas sociais e às posições de poder que elas impõem aos indivíduos (TENORIO, 2011, p. 10).

A Análise Crítica do Discurso tem sido uma das abordagens mais ocupadas em associar o conceito de discurso à noção de prática social, tendo em vista a natureza política e ideológica da linguagem em situação de uso. Atentos às questões do poder e da desigualdade social, seus seguidores estudam com especial atenção os problemas de linguagem advindos da não observância a fatores sociais importantes, como classe social, gênero e raça (VAN DIJK, 1990), mostrando como preconceitos e ideologias são produzidos e reproduzidos por discursos veiculados nas diversas instâncias da sociedade e como esses discursos podem contribuir para a perpetuação de atitudes discriminatórias.

Segundo Fairclough (1989), para que os dados sejam analisados adequadamente, o analista do discurso deve se distanciar deles e colocá-los em contextos específicos. Esse procedimento o capacita a interpretar os dados não apenas como um conjunto de sinais, mas “como práticas que sistematicamente formam os objetos dos quais elas falam” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 52-54)

Neste trabalho, esta é a abordagem que se procura seguir. Os dados referentes às escritoras em tela são colocados e analisados à luz dos seus contextos de produção. Isso permite entender que os discursos de Elizabeth Bishop sobre o Brasil no contexto do pós-Segunda Guerra e o de Evelyn Scott sobre o Brasil da Primeira Guerra representam não só a percepção delas sobre o país, mas as práticas sociais que envolviam um todo constituído por pessoas, objetos, lugares, paisagem e costumes ao seu redor. É necessário compreender, todavia, que, dentro desse contexto histórico amplo, elas estão falando do lugar de mulheres estrangeiras que tiveram acesso a espaços socioculturais diferentes. Cada uma delas circulou em ambientes sociais especificamente diferentes.

Bishop e Scott construíram um discurso sobre as pessoas, as coisas, os lugares aos quais cada uma delas teve acesso no país. O discurso sobre higiene no Brasil, por exemplo, mostra a forma como elas se relacionavam com os hábitos do povo brasileiro, podendo adotar tanto práticas preconceituosas e de afastamento social, como práticas de abertura cultural e de aproximação. Discurso, portanto, se refere a “práticas que constituem os objetos dos quais elas falam” conforme já mencionado. Essa dimensão social do discurso serve para ajudar a compreender os discursos de Elizabeth Bishop e de Evelyn Scott como ações inseridas em um contexto social que inclui tanto um ambiente físico e um espaço temporal próprio, como também os participantes que formavam o contexto mais amplo.

1.2 Duas palavras breves sobre emoção

De acordo com a perspectiva discursiva, o conceito naturalizado de emoção como algo a ser descoberto ou como uma essência individual deve ser desconstruído em função de uma percepção do fenômeno como prática social permeada por ideologias historicamente contextualizadas. Segundo Abu-Lughod e Lutz (1990), essa perspectiva distancia-se da tendência comparativa antropológica baseada numa ampla estrutura histórica do problema, comprometendo-se mais com uma análise da riqueza que se pode encontrar em situações sociais específicas. As autoras entendem emoção como prática que se realiza na interação social com um propósito comunicacional, o que pressupõe a necessidade de provocar uma resposta do interlocutor. Nesse sentido, emoção não é apenas essência humana universal ou essência humana relativizada pela cultura, mas prática discursiva, ação sociocultural realizada através do discurso (ABU-LUGHOD; LUTZ 1990). Vista por este ângulo, a ênfase no discurso leva ao estudo de questões novas, como a imprevisibilidade da resposta do interlocutor a determinados comportamentos emocionais. Evelyn Scott, por exemplo, não compreendia a indiferença de seu companheiro para com as fortes emoções que a destruíam internamente durante o tempo em que eles viveram no Brasil. Por outro lado, ela mesma se esforçava para compreender o comportamento emocional da sociedade brasileira frente a determinados ritos de passagem que testemunhou, como nascimento, festa e morte.

A perspectiva discursiva de emoção defendida pela antropologia da emoção (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990) propicia também uma visão mais complexa da multiplicidade e mutabilidade de significados que podem compor as trocas e enunciados emocionais. Além disso, permite ver emoção não apenas como fenômeno delimitado por valores culturais, mas como um operador da atividade social, um idioma para comunicar tanto os sentimentos como os conflitos sociais.

Neste trabalho, entende-se que qualquer processo de integração a uma nova sociedade estabelecido a partir da ruptura com a cultura, a língua e país de origem seja marcado por um amplo quadro de emoções. No caso de Elizabeth Bishop e de Evelyn Scott essas emoções foram determinantes para a construção discursiva de sua obra, onde o Brasil aparece como elemento definidor, tanto na vida como na expressão artística de ambas.

2. ANÁLISE

Elizabeth Bishop e Evelyn Scott vinham de um mesmo país e de origens sociais relativamente equiparáveis em sua terra natal. Todavia, no Brasil, elas vivenciariam períodos e ambientes sociais bastante distintos, como teremos oportunidade de constatar abaixo, começando por uma breve contextualização da origem e da formação das escritoras.

2.1 Breve contextualização de *background*: Elizabeth Bishop e Evelyn Scott

Uma das poetas mais celebradas do movimento modernista americano, Elizabeth Bishop nasceu em Worcester (Mass), nordeste dos Estados Unidos em meio a uma família de posses, mas desprovida de afeto. Ela fica órfã de pai ainda criança e a doença mental da mãe a obriga a ser criada por avós e a se deslocar de um “lar” para outro em diferentes etapas da vida. Esse conturbado quadro de relações familiares contribui para que Bishop desenvolvesse um contínuo sentido de não pertencimento.

A obra de Bishop é diversa e inclui poesia, crônica e correspondência. Na poesia a produtividade resulta em apenas cerca de cem poemas, mas a correspondência é robusta, sobretudo entre os anos 1951 e 1971, quando viveu no Brasil (BRITTO, 2020).

Elizabeth Bishop já era uma viajante experiente quando passou pelo Brasil durante o roteiro de sua visita à América do Sul, em 1951. Ela desembarcou inicialmente no porto de Santos e, em seguida, foi para o Rio de Janeiro. Ali se apaixona pela arquiteta Lota Macedo de Moraes e acaba ficando por lá por quase duas décadas, vivendo a maior parte do tempo na belíssima região serrana de Petrópolis, mais precisamente na Fazenda Samambaia, uma espécie de refúgio romântico e sofisticado que havia sido desenhado pela arquiteta (BRITTO, 1999; ROEFERO, 2010; GOUDEAU, 2014). Bishop volta para os Estados Unidos em 1971 e morre em Lewis Wharf, Boston, em 1979, aos 68 anos.

Já a também modernista Evelyn Scott, uma das escritoras mais controversas e prestigiadas dos anos 1920 e 1930, nasceu com o nome Elsie Dunn, em Clarksville (Tennessee), sul dos Estados Unidos. A obra de Scott é também diversa e prolífica. Inclui 13 romances, quatro livros de literatura

para criança, dois livros de poesia, uma peça de teatro, um famoso ensaio sobre o trabalho de William Faulkner e duas autobiografias, *Escapada* (2019 [1ª ed.1923]), que relata sua vida no Brasil, e *Background in Tennessee* (1980), que aborda suas origens sociais e familiares. Além disso, a correspondência da escritora conta com um acervo de cerca de cinco mil cartas, entre a correspondência ativa e passiva (SCURA, 1995; MAUN, 2012)

Ela era filha única de uma família de origem aristocrática onde o lado materno possuía plantação de tabaco e o lado paterno era próspero no ramo da construção de ferrovias. Estudos acadêmicos e biográficos (CALLARD, 1985; SCURA, 1995; WHITE, 1998; JONES, 2001) concordam que se tratava também de uma família rica desprovida de afeto. Os pais preservavam um casamento de aparência e a mãe acabou desenvolvendo problemas mentais na maturidade. O pesado ambiente familiar causava grande infelicidade a todos, sobretudo para a sensível e precoce Evelyn Scott. Aos 19 anos, ainda legalmente menor de idade, Evelyn Scott conhece e se apaixona por Cyril Kay-Scott. Na verdade, tratava-se de Frederick Wellman (1869 – 1960), um renomado médico, pesquisador e diretor da Escola de Medicina Tropical da prestigiosa Universidade de Tulane que, além de ter mais do que o dobro da idade de Evelyn Scott, era casado e pai de quatro filhos. Mas o Doutor Wellman também estava preso a um casamento de fachada. A paixão mútua e a percepção de que se sentiam infelizes em seus respectivos lares foi o suficiente para que o casal decidisse fugir na condição de amantes. Assim, no final de 1913, eles partiram de Nova Orleans, passando brevemente por Nova York e Londres. Em seguida, trazendo apenas setecentos dólares no bolso, sem qualquer documento de identificação, o casal embarca no porto de Southampton (Inglaterra) rumo ao Brasil, onde chegaram com os nomes falsos de Evelyn Scott e Cyril Kay-Scott (CALLARD, 1985; SCURA, 1995; WHITE, 1998; JONES, 2001). Naquele momento eles estavam completamente desavisados da experiência humana dramática que os aguardava nos trópicos brasileiros, sobretudo para a jovem Evelyn Scott.

Depois do retorno para os Estados Unidos, Evelyn Scott publica *Escapada* [no original *Escapade* (1923)], obra que rascunhara ainda no Brasil, relatando essa extraordinária história de exílio auto imposto, ou se preferirmos, voluntário. Hoje, o livro além de considerado uma obra prima é visto como uma antecipação da literatura feminista (SCURA, 1995). Scott tornou-se uma escritora celebrada nas décadas de 1920 e 1930, levando uma vida pessoal tumultuada naqueles anos efervescentes. Ela morou os primeiros anos em Nova York. Em seguida, viajou muito e residiu em diferentes países, vindo a falecer pobre e deprimida em Nova York, em 1963, aos 68 anos, a mesma idade de Bishop ao morrer.

2.2 O Brasil de Elizabeth Bishop: elite social e pós-Segunda Guerra

O desembarque de Elizabeth Bishop em Santos foi apenas o caminho para o Rio de Janeiro. O rito de iniciação ao novo ambiente social se dá através da arquiteta Lota Macedo Soares, uma amiga que Bishop havia conhecido em Nova York no passado e com quem passaria a compartilhar um cotidiano de quase duas décadas. O encontro não poderia ser mais romântico e mesmo pitoresco. Tendo sofrido uma reação alérgica depois de experimentar nosso velho e bom caju, Bishop é convidada a permanecer na cidade sob os cuidados de Lota. Naquele momento mágico Bishop fez uma escolha dupla: o romance com Lota e a relação com o Brasil. (BRITTO, 1999)

Biógrafos, tradutores críticos e pesquisadores em geral afirmam que o Brasil teve importância crucial na obra e na vida de Elizabeth Bishop. Lorrie Goldensohn (1991), por exemplo, afirma que "Through this period, from 1951 to 1979, Brazilian places, houses, and people made their way into Bishop's work, pouring vividly into her poems, prose, letters and translations [Ao longo do período entre 1951 e 1979, os lugares, as casas e o povo brasileiro penetram o trabalho de Bishop, derramando-se vividamente em poemas, prosa, cartas e traduções]" (GOLDENSOHN, 1991:23). Mas os especialistas também apontam que essa relação com o país se sustenta em função do romance com Lota e do sentimento de infelicidade que Bishop vivenciava em seu próprio país há muito tempo.

Foi só aos quarenta anos, no Brasil, que voltou a experimentar a sensação de possuir um verdadeiro lar; não por coincidência, foi aqui que ela começou a escrever as narrativas em prosa em que rememora a infância na Nova Escócia. Assim, o extremo norte da vida da poeta, representado pelo Canadá, e seu extremo sul, o Brasil, passaram a tocar-se na sua imaginação. [...] O que Bishop deixa claro, tanto nos poemas de amor como nas cartas escritas nos anos 50, é que sua paixão pelo Brasil é sempre mediada pela paixão por Lota. (BRITTO, 1999, p. 10).

A junção desses dois aspectos fez com que Bishop acreditasse ter adquirido um novo lar e, com isso, permitisse que o Brasil penetrasse sua obra de forma definitiva. Lota Macedo de Moraes pertencia a uma tradicional família de políticos que participava ativamente do conjunto de mudanças sociais à época. O Brasil se permitia contaminar-se pelo entusiasmo dos chamados "anos dourados". Embalados pela vitória dos países aliados na Segunda Guerra Mundial tanto o governo como a sociedade facilitavam as novidades no campo das artes, da cultura e do comportamento. O Brasil desejava ser moderno, e grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro assimilavam com vigor as várias instâncias da modernização, inclusive na arquitetura.

Elizabeth Bishop chegou ao Brasil em idade madura e já consagrada como poeta. Seu romance com Lota lhe permite ter acesso a um grupo privilegiado de intelectuais, artistas, cientistas e políticos. Quando decidiram viver juntas na Fazenda Samambaia, Lota compreendeu a necessidade artística da companheira e, construiu um charmoso estúdio anexo à casa para que Bishop pudesse tanto se dedicar à poesia com conforto e privacidade como usufruir a vista para o verde exuberante

no entorno da propriedade (GODEAU, 2014). O plano funcionou. Poemas antológicos foram escritos ali como, por exemplo, “Canção do tempo das chuvas”, objeto de análise ao final deste trabalho.

Embora Elizabeth Bishop tenha vivido quase duas décadas no Brasil, incluindo o período que morou em Ouro Preto, para Britto (2020) ela sempre percebeu o país como estrangeira. Mais que isso, uma estrangeira que, ao se deixar contaminar por preconceitos e estereótipos influenciados por seu *background* cultural, acabou por fazer um contraponto entre Brasil como natureza e Estados Unidos como porta voz da cultura. Segundo Britto (2020) “Bishop passaria o resto da vida tecendo louvores à natureza brasileira, ao mesmo tempo em que lamentava as deficiências do Brasil como país” (BRITTO, 2020, p. 21).

Tudo que se lê sobre a longa vivência da poeta no Brasil indica que ela gostava da natureza exuberante dos trópicos, mas, na verdade, o Brasil estava longe de competir com a higienização, com a limpeza imaculada de sua sociedade de origem. Contudo, em face das vantagens e desvantagens encontradas tanto no ideal de natureza como no de cultura, não era fácil para Bishop fazer uma escolha. Ela se vê diante de um verdadeiro dilema. Se por um lado os incômodos da natureza enquanto representação de atraso e precariedade eram compensadas pela descontração e pelo calor humano que emanava da ambiência social brasileira, por outro, o progresso e a higiene do ideal de cultura implicavam também na frieza e no distanciamento das relações interpessoais encontrados nas sociedades avançadas como a de seu país de origem.

De todo modo, afetada pelos aspectos negativos encontrados no ambiente natural brasileiro, Bishop não consegue evitar, por exemplo, a percepção que tem do Rio de Janeiro como uma cidade de preguiçosos desprovidos de civilidade. Uma cidade que fantasiava sintetizar o pior dos mundos nas américas, ou seja, a insuportável mistura de Cidade do México com Miami. Segundo Brito (2020), as ideias preconcebidas de Bishop beiram a um reducionismo social tão elevado que a faz crer não existir uma classe média no Brasil, o que, para ele, não corresponde à verdade porque Bishop fala “sobretudo do lugar privilegiado de um refúgio serrano onde não conseguia perceber mais do que uma população dividida entre pobres – “primitivos” [...] e aristocratas sofisticados como Lota, que falam vários idiomas e viajam ao estrangeiro com frequência” (BRITTO, 2020, p. 3). No entanto, para o próprio Britto, o gênio da escritora não foi prejudicado pelo reducionismo de sua percepção sobre o Brasil porque ela escreveu poemas muito reveladores acerca desse mesmo país sobre o qual alimentara tantos preconceitos.

Um aspecto importante levantado pelo autor sobre a trajetória de Bishop no Brasil é a ideia de mediadora social que ela assumiu. Para ele, apesar de não conhecer nem se interessar em conhecer os códigos culturais e linguísticos do país, as circunstâncias levaram Bishop a assumir o papel de mediadora cultural, onde ela atuava como intérprete do Brasil junto ao público norte-americano e

como embaixadora cultural junto ao ambiente social brasileiro em que circulava por aqui. Mas esses papéis custaram um preço alto para a imagem que se construiu da poeta posteriormente no Brasil, sobretudo em função dos seus posicionamentos equivocados sobre o apoio americano ao golpe militar de 1964.

Embora, muitos estudiosos afirmem que Bishop não tinha qualquer interesse pela cultura brasileira, menos ainda pelo idioma português, é no mínimo intrigante que ela tenha usado grande parte de seu tempo e energia traduzindo para o inglês alguns dos mais importantes poetas modernistas. Contrária à percepção de Bishop como uma poeta contaminada por ideias preconcebidas e estereotipadas sobre o Brasil, Martins (1992) sugere a existência de momentos na trajetória de Bishop no Brasil que incluem: as primeiras impressões da poeta como turista e viajante; uma vivência profunda com o contexto brasileiro a ponto de Bishop não apenas perceber como se identificar com o outro; o conflito com o familiar; e o que chama de “*poetic reconstruction of what has been lost* [reconstrução poética do que se perdeu]” (MARTINS, 1992, p. 99). Para ela, nos poemas de Bishop, o Brasil não é retratado de forma estereotipada ou parcial. Ao contrário, na riqueza dos poemas de Bishop o que se percebe é uma “*dazzling dialectic* [bela dialética]” entre a cultura brasileira e a americana (MARTINS, 1992, p. 5).

Controvérsias à parte, todos concordam que a forma como Bishop vivenciou seu cotidiano e os contatos sociais que estabeleceu no Brasil estavam circunscritos à elite artística, literária e política da época. Isso não quer dizer que ela não tenha exercido um olhar aguçado sobre o que se passava entre as classes humildes. A pobreza e a desigualdade que testemunhou no Brasil estão presentes em poemas como “Squatter’s children” [Filhos de posseiros], “The burglar of Babylon” [O ladrão da Babilônia], “Going to the bakery” [Ida à padaria], Manoelzinho, entre outros. Em “Ida à padaria”, por exemplo, Bishop descreve os despossuídos sem teto que temporariamente habitam o caminho entre o prédio onde ela mora na zona sul do Rio de Janeiro e a padaria local. No caminho, observa a infância precocemente abandonada na figura de uma prostituta: “Sob falsa amendoeira uma puta ainda menina dança um chá-chá-chá, girando como um átomo na esquina” (BRITTO, 2011, p. 308). Observa também os bêbados doentes deixados à própria sorte, descrevendo com dramaticidade sombria e frustração sua própria incapacidade de resolução: “À sombra negra do meu prédio um negro levanta a camisa pra mostrar um curativo cobrindo negra ferida. [...] Dou-lhe dinheiro e boa-noite [...] Ah! Não haveria uma palavra mais relevante pra lhe dar?” (BRITTO, 2011, p.308)

Já em “Manoelzinho”, cuja voz lírica é aparentemente a de Lota (BRITTO, 2020), Bishop descreve com ironia, espírito crítico e precisão o cotidiano de um primitivo trabalhador da Fazenda Samambaia. Para ela, um

Meio posseiro, meio inquilino (sem pagar aluguel) — uma espécie de herança; branco, agora com seus trinta anos de idade, e designado a fornecer-me legumes, mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por isso na sua cabeça — o pior jardineiro do mundo desde Caim. A propósito, incapacidade não é o único defeito do “meio inquilino. (BRITTO, 2011, p. 236).

Além de péssimo jardineiro, o “meio inquilino” também cometia pequenas práticas ilícitas como uma forma de garantir a sobrevivência difícil: “Você rouba meus fios telefônicos, Ou alguém o faz”. Aos olhos da poeta, o fato é sem dúvida reprovável, mas o melhor é fingir que não está vendo, afinal, o infeliz “[...] passa fome e faz seu cavalo passar fome” (BRITTO, 2011, p. 236).

Bishop e Lota eram cultas, esclarecidas, civilizadas. Para elas, não era possível ignorar a herança escravocrata da realidade em que viviam. No mesmo poema registra: “vejo você na chuva, caminhando rapidamente, iluminado, com pés descalços, ao longo dos caminhos íngremes que você tem criado – ou seu pai e avô criaram - por toda minha propriedade, com sua cabeça e costas dentro de um saco de estopa encharcado [...]”. O efeito provocado por aquele entendimento parecia muito desafiador e a reação natural de Bishop era simplesmente apagar o incômodo da imagem aparentemente sem solução: “sinto que não posso tolerar isso sequer um minuto; então, dentro de casa, ao lado do forno, detenho-me na leitura de um livro.” (BRITTO, 2011, p. 236)

Os especialistas identificam “Manuelzinho” como um poema que foi muito criticado pelo tom preconceituoso que imprime em seus versos, mas Britto nos lembra que “a força do texto reside no modo como ele capta a combinação precisa de irritação impotente com afeto condescendente que caracteriza os sentimentos das classes dominantes brasileiras por seus criados” (BRITTO, 2020, p. 10).

Vivendo em um ambiente social de intensas relações sociais na cidade do Rio de Janeiro, a fazenda Samambaia era sem dúvida um retiro onde Bishop podia ter tranquilidade para escrever. Todavia, ela estava atenta às precariedades ao redor de sua bolha social. Os hábitos de higiene dos trabalhadores na fazenda, por exemplo, eram motivo de grande reflexão. Ela também discordava totalmente da forma como as crianças eram educadas na fazenda e, segundo Britto (2020, p. 13), o interesse de Bishop nesse processo civilizatório chega ao ponto fazê-la sugerir à Lota que traduzisse para o português o clássico *Baby and child care*, do Dr. Spok. Outro ponto que a incomodava bastante era a qualidade da alimentação local, um problema que, no seu entender, afetava tanto os ricos quanto para os pobres.

Tudo que vimos até aqui só reafirma o conflito de Bishop no que tange à constante crise de pertencimento que a persegue durante o tempo em que viveu no Brasil. O velho embate entre natureza e cultura nunca lhe deu trégua. De volta aos Estados Unidos, Bishop chegou a afirmar em entrevista concedida a George Starbuck, em 1977, que suas teorias sobre o Brasil aconteceram apenas no início da jornada, e que, “[...] Little by little those theories evaporated. Brazil became my home” [Aos

poucos aquelas teorias evaporaram. O Brasil se tornou minha casa]” (GOUDEAU, 2014, p. 13). Mas sua realidade nos trópicos, seu discurso sobre o Brasil, sua poesia, atestam aquilo que havia dito muito antes: que seu desejo era “continuar sendo uma puritana da Nova Inglaterra e da Nova Escócia” (BRITTO, 2020, p. 2).

2.3 O Brasil de Evelyn Scott: povo humilde e Primeira Guerra Mundial

Evelyn Scott e seu companheiro desembarcaram primeiro no Rio de Janeiro. Não se sabe a data precisa da chegada do casal, mas em documento escrito deixado para ser entregue ao filho depois de sua morte, Evelyn afirma que ela e Cyril viveram no Brasil de “abril/maio de 1914 a agosto de 1919” (SCOTT-FRIES, 2020). O fato é que, pouco tempo depois de desembarcarem no Rio, seja no final de abril ou em 1 de maio como consta do documento, eles foram surpreendidos pela eclosão da Primeira Guerra mundial e acabaram sendo obrigados a permanecer no país por cerca de cinco longos anos.

Trazendo altíssimo grau de formação acadêmica, Cyril Kay-Scott estava certo de que conseguiria no Brasil um emprego à altura de seu histórico profissional. Já Evelyn, como mulher e ainda muito jovem, teria que se adaptar à situação do companheiro. E para agravar sua situação, ela descobre que estava grávida. Embora tivesse crescido em ambiente de elevado padrão artístico, literário e intelectual – sendo já uma escritora em potencial -, ela não havia construído uma trajetória profissional. E é preciso lembrar que estávamos nos inícios do século vinte.

Uma vez no Brasil, o casal tenta, em vão, sobreviver em diversas regiões do país. No Rio de Janeiro, Cyril chega ao ponto de atuar como carregador de malas no centro da cidade, enquanto Evelyn ficava presa ao sabor dos acontecimentos e aguardava o retorno dele no quarto sujo do hotel precário onde haviam se hospedado inicialmente. Depois de muita luta, Cyril consegue um posto de vendedor das máquinas de costura Singer. Prospera no ramo e se transforma em contador da empresa. Mas aquela função exigia que ele viajasse frequentemente pelo Brasil afora. Evelyn o acompanhava, mas permanecia restrita à solidão das pensões baratas em que se hospedavam, sempre a espera do retorno de Cyril. A situação foi ficando tão insustentável que, finalmente, Cyril toma a decisão extrema de comprar um pedaço de terra no recluso sertão da Bahia, mais especificamente no rancho denominado Cercadinho. O plano era que eles pudessem ficar mais unidos e viver da agricultura de subsistência e da criação de ovelhas. Sem alternativa, Evelyn Scott concorda com aquela espécie de exílio auto imposto, mas não demora a conhecer, ali, o inimaginável para alguém de sua origem e formação social, isto é, pobreza extrema, fome e isolamento quase absoluto.

É importante destacar que, para um escritor, o exílio produz efeitos em seu processo de criação especificamente relacionados com sua própria língua. No deslocamento que fazem do espaço concreto de criação (a sociedade) para o da criação propriamente dita, a falta de contato íntimo e produtivo com a língua materna é relevante (SAID, 2000). No caso de Evelyn Scott, tanto sua língua como a língua do país anfitrião permeiam o discurso de natureza autobiográfica expresso em *Escapada*. O papel da língua para o processo integração de Evelyn Scott no Brasil é de fato relevante. Afinal, é necessário lembrar que qualquer tipo de exílio, mesmo o auto imposto, ou voluntário, como o de Scott, é sempre uma experiência que envolve no mínimo duas línguas, às vezes mais. Ao chegar em uma nova sociedade o indivíduo já encontra uma língua instalada para garantir o funcionamento das relações sociais, e para ter o mínimo de acesso a esse sistema novo de interações é necessário ter o domínio dessa língua. Evelyn não falava uma única palavra do português. Ao contrário de Elizabeth Bishop, que podia passar muito bem sem se preocupar com o nosso idioma, Evelyn Scott precisava aprender o português o quanto antes. Tratava-se de uma questão de sobrevivência, de controle mínimo sobre sua socialização nos trópicos. Para ela, a pressão de ter de aprender do zero uma língua completamente estranha se configura como a gênese dos primeiros sintomas de fragmentação identitária no Brasil. Já no parágrafo inicial de *Escapada*, a escritora destaca os efeitos emocionais advindos do primeiro contato com o novo idioma num modesto quarto do Hotel Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro:

Uma batida na porta, e a menina portuguesa entrou, muito desarrumada e suja, seu cabelo preto áspero pendurando caixos tesos em suas bochechas coradas. Quando ela falou “*Bom dia*”, eu entendi aquilo, mas o resto de sua fala era apenas o murmúrio ríspido de um som gutural e me deprimiu com sua estranheza. [...] Na troca de barulhos ininteligíveis eu senti minha exclusão da vida que dizia respeito a mim mesma, minha impotência. (SCOTT, 2019, p. 21)

Embora ainda estivesse na primeira etapa do mergulho profundo que daria na cultura brasileira, Evelyn, de imediato, toma consciência do que significa chegar em uma nova sociedade sem o domínio da língua local. Àquela altura, já percebia que o desconhecimento da língua seria praticamente uma sentença ao isolamento. Enquanto para Evelyn a língua se constitui logo em pressão emocional definidora para o difícil processo de integração social, para Cyril Kay-Scott isso não era um problema porque ele tinha vivido alguns anos na África de língua portuguesa no passado. Todavia, é interessante notar que a escritora não se deixa abater pelos sintomas iniciais provocados pelo desconhecimento da língua portuguesa. Ao contrário, ela parece reagir demonstrando esforço e interesse pelo novo idioma. Por exemplo, quando o casal saiu do centro e se hospedou em uma pensão no bairro do Flamengo, Evelyn não perdia oportunidade: “Com a empregada, Maria Theresa, estou aprendendo minhas primeiras palavras inteligíveis do Português. Nosso quarto fica de frente para o

mar e tenho aprendido os nomes de barcos e das ondas e das coisas que passam na rua” (SCOTT, 2019, p.21), diz Evelyn, empenhada em se integrar ou, pelo menos, em enfrentar as incertezas de um futuro completamente desconhecido.

Estando grávida, Evelyn parece ainda mais interessada em assimilar minimamente os hábitos e costumes brasileiros. E planeja:

Vou vestir meu bebê com um *queira*, tal como os bebês brasileiros se vestem. Ela vai pôr uma camisa de cambraia curta sem manga, e eu vou enrolá-la com um pano bordado em vez de usar vestido. Sim, eu vou ter uma menina. (SCOTT, 2019, p. 47)

A passagem pela capital da República durou apenas alguns meses. Depois disso, o casal passa a viver em diversas cidades do Brasil, sempre enfrentando pressões e dificuldades semelhantes àquelas encontradas no Rio de Janeiro. Todavia, a experiência mais radical foi o isolamento de três anos no sertão da Bahia, onde Scott e o companheiro tentaram sobreviver como criando bodes e ovelhas no rancho Cercadinho. Depois de algum tempo, o inevitável declínio do empreendimento é simplesmente devastador. Evelyn Scott, a essas alturas já mãe de um menino de dois anos, não esconde a condição de pobreza:

As roupas de John estão remendadas com todas as cores do arco-íris. Seu rosto fino está envelhecido e ele fica com uma expressão de dor – uma dor sobre a qual ele nunca fala. Eu procuro não me olhar, mas sei que estou pálida, suja, com aparência doentia. Meu cabelo está todo embaraçado e pendurado nas costas. Minhas mãos grandes magras estão manchadas e ásperas. Dores de dente crônicas me alertam para o que está acontecendo em minha boca. (SCOTT, 2019, p. 237)

Evelyn também tenta compreender porque sua mãe, uma senhora da alta classe sulista americana que tinha vindo dos Estados Unidos para ajudá-la a cuidar do bebê, se recusa a perceber a nova realidade e a aprender minimamente o nosso velho e bom português.

NANNETTE observa a vida à sua volta com uma total falta de convicção. O povo Brasileiro tem, para ela, uma realidade menos importante do que a dos anglo-saxões. [...] Suas tentativas de falar português são fracas e inúteis. Ela diz que não tem motivo para aprender. Os portugueses nunca lhe interessaram. Eles não têm cultura, ou literatura de importância. Aparentemente nunca lhe ocorreu que se ela dominasse o português seria uma grande ajuda para mim. (SCOTT, 2019, p. 79)

Mesmo vivendo a duras penas e já beirando uma crise de depressão, Evelyn Scott não teme os desafios que tem de enfrentar em momentos de grande sofrimento. É com seu frágil domínio linguístico que ela tenta impor minimamente seus direitos assistenciais e a própria sobrevivência. Isso acontece quando seu filho fica muito doente e ela precisou do serviço de saúde pública. Depois de

esperar horas a fio sem receber atenção, menos ainda atendimento, ela se enche de coragem e enfrenta de um modo peculiar o precário funcionamento das instituições no país:

Levantei-me, saí atrevidamente da sala de espera e vaguei pelos corredores até encontrar um residente. Em seguida eu falei para ele com meu português quebrado que seu hospital era vergonhoso, que eu era uma pessoa acostumada com gentileza e bom trato, que eu estava esperando ali há mais de uma hora, e que eu deveria ser atendida imediatamente. [...] Eu estava prazerosamente consciente de que falava alto e batia o pé. (SCOTT, 2019, p.147)

Parece que Evelyn estava certa em pensar que sua estratégia poderia funcionar porque, segundo seu relato:

O residente, no começo, se divertiu, depois ficou alarmado. Ele conseguia compreender muito pouco do que eu [...] falava para ele, e ainda não sei se ele achou que eu era uma maluca ou uma moça de alta estirpe. De todo modo, foi imediatamente buscar um médico para mim, e conseguiu. (SCOTT, 2019, p. 272)

Em *Escapada*, são claras as evidências de que Evelyn Scott se esforçou para aprender nossa língua, o que via como uma forma de também apreender sobre nossa cultura. Ela viveu cerca de cinco anos no Brasil e aprendeu a falar a língua do país, o que aparece no texto original de *Escapada* através de inúmeras palavras e frases inteiras que a escritora grafou diretamente em português. Um bom exemplo pode ser visto em sua descrição sobre um momento marcante da vida em Cercadinho, quando, encontrando-se muito pobres, o casal resolve fazer um mutirão de trabalho para ajudar a construir uma casa de farinha:

Os homens, suas camisas desabotoadas, seus facões enormes pendurados nos quadris, pareciam todos iguais, envoltos em uma espécie de magia, na melodia monótona de suas canções. “Bom dia, senhora! Bom dia! Bom dia nossa senhora que vem para nos fazer ricos. Bom dia excellentissima senhora estrangeira, que nos convidou para dançar. Nós suplicamos todas as santas que ellas mandarem benções e felicidade para Vossa Mercê. Viva Senhor João! Viva Joaozinho! Viva Senhora Dona Evelina! Viva! Viva Dona Nannette!”. (SCOTT, 2019, p. 272)

Outro exemplo, a bem da verdade comovente, do esforço de Evelyn em usar seu precário português para se integrar pode ser visto quando ela resolve ajudar os agregados do entorno de sua humilde casa a aprender a ler e escrever:

[...] eu fico eternamente em busca de uma ocupação que me distraia, e estou ensinando Antonio e Jovina a assinarem seus nomes e a ler. Antonio, pesarosamente sério, gruda seu precioso toco de lapis em seu enorme punho moreno e empurra-o com labor em um pedaço de papel. *A-N-T-O-N-I-O B-I-S-P-O. A-N-T-O-N-I-O B-I-S-P-O*. Ele escreve repetidamente. As linhas fracas, curvando em direção à extremidade da página, despencam do espaço marcado. As marcas de lapis, na luz baixa, ficam muito apagadas. Ele levanta os olhos para mim e sorri insinuando estar

cheio de si. Sua expressão é luminosa, mas é suavizada pela melancolia racial da qual ele não tem a menor consciência. “Agora, senhora, tenho muito orgulho. Estou muito orgulhoso,” (SCOTT, 2019, p. 283), ele diz.

Enquanto Evelyn Scott pelega para adquirir o conhecimento de nossa língua é natural que, depois de cinco anos em situação de isolamento quase extremo, sua própria língua e país de origem comecem a ficar distantes. E o português, uma língua que, embora - ou talvez por isso mesmo -, instrumental, discursivamente passa a ser vista como possibilidade de autopreservação.

Evelyn Scott se vê diante de um verdadeiro embate emocional entre língua materna e língua estrangeira quando percebe que seu idioma natural poderia representar uma ameaça de constrangimento e humilhação. Isso ocorreu quando, por acaso, Scott escutou sua língua sendo usada por um grupo que passava por sua propriedade, na verdade, engenheiros americanos à procura de manganês naquela região. Ao ver o grupo, em vez de se apressar a retomar contato com a língua materna, a grande escritora finge que não fala inglês e, estranhamente, se apega ao português para não ter que conversar com seus compatriotas:

Vendo nossa casa de sapé, nosso magro pedaço de terra cultivada, [o grupo] tinha nos tomado por nativos pobres. As roupas de Nannette estão uns trapos. [...] na ponta dos sapatos seus dedos saem para fora. [...] Em seu pescoço fino rosado a carne fica pendurada como a pele do pescoço de um pássaro. Seus dentes estão em uma situação assustadora. Pobre Nannette! Ela um dia foi tão bonita, tão chique! [...] Quanto a John, seu vestuário está remendado com todas as cores do arco-íris. O cabelo comprido [...] se mistura com a barba desarrumada. Seu rosto exausto [...] tem uma expressão de dor – sobre a qual ele nunca fala. Eu não me olho, mas sei que estou pálida, com aparência doentia [...] A passagem do grupo de engenheiros não estimula minhas esperanças. Prefiro não voltar a pensar em rostos brancos, e aquela única palavra [que eu ouvi] em inglês mexeu comigo de forma desagradável. Eu queria me agarrar ao português, que não tem nenhuma relação comigo, onde nunca é inserido um significado. É uma língua atrás da qual eu posso ter sossego” (SCOTT, 2019, p. 238)

Além das questões emocionais associadas à ruptura com a própria língua, outro aspecto relevante para os indivíduos em situações semelhantes àquelas vivenciadas por Elizabeth Bishop e Evelyn Scott é o sentimento de não pertencimento. Enquanto Elizabeth Bishop admitia o desejo de se manter uma “puritana da Nova Escócia”, o mesmo não acontece com Evelyn Scott que, depois de tentar em vão retornar para seu país, tem que enfrentar a sensação de não pertencimento duplo. Com o tempo, nem o Brasil nem os Estados Unidos significavam um habitat natural, um lar de verdade:

EU SEI que meu país não é nem aqui, em torno de mim, onde a luz pálida entre as folhas das bananeiras é fina e áspera, nem lá, onde as palmeiras balançam como meninas sonhando depois da dança da noite passada. Mas quando as infinitas ondulações passam pela costa – pela ressaca infinita, pelo céu infinito – eu sinto que ele fica em algum lugar”.

No que tange ao relacionamento de Evelyn Scott com a literatura brasileira, a comparação com a experiência de Elizabeth Bishop é absolutamente desproporcional. Bishop foi introduzida à cultura e às letras brasileiras pelas mãos da alta sociedade carioca. Embora não se interessasse pela língua portuguesa, ela teve contato íntimo com os escritores mais sofisticados do país, chegando mesmo a atuar como tradutora de alguns. Evelyn, ao contrário da maioria dos escritores estrangeiros que se refugiaram no Brasil, teve contato direto apenas com os despossuídos, as camadas mais pobres da sociedade, como bem observou Otho Maria Carpeaux em artigo publicado em 1947. Estando ocupada em sobreviver na dura realidade do sertão, a oportunidade de conhecer e explorar a literatura brasileira soa um luxo inalcançável para Scott.

Pode-se agora analisar, ainda que de modo muito breve, o tratamento que o Brasil dispensou às escritoras. Que injustiças podem ser observadas? No caso de Bishop, para Britto (2020), dois acontecimentos ocupam lugar de destaque: o suicídio da companheira em Nova York e o golpe militar de 1964. O primeiro porque amigos de Lota achavam que Bishop teria influenciado o agravamento da saúde mental e emocional de Lota. O segundo, porque as posições equivocadas de Bishop sobre o golpe militar no Brasil provocaram muito hostilidade no ambiente social em que ela circulava. Além disso, Brito (2020) destaca que nenhum livro da poeta foi publicado de forma completa no Brasil, apesar de o Brasil ter sido definidor para a obra de uma das maiores poetisas do século passado. Das injustiças com Evelyn Scott, mais do que a hostilidade que vivenciou na sociedade brasileira pelo fato de ser mulher, estrangeira e muito jovem, a escritora teve seu nome completamente ignorado pelo país onde viveu sua experiência de vida mais profunda e também escreveu as páginas originais de *Escapada*, uma de suas realizações literárias mais importantes. Embora Otto Maria Carpeaux (1947) tenha chamada a atenção dos críticos e tradutores brasileiros para a alta qualidade literária, e acrescentamos documental, da obra, somente agora, cerca de cem anos depois, esse poderoso relato autobiográfico sobre a passagem da grande escritora pelo Brasil foi publicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, examinamos as experiências das escritoras modernistas Elizabeth Bishop e Evelyn Scott no Brasil e o discurso que produzem sobre o país a partir dessas experiências. Percebeu-se que elas compartilham aspectos de *background* social e familiar que foram definidores para a eventual escolha pela vida no Brasil. O mais evidente deles sendo o fato de que, pertencendo a famílias da alta sociedade com histórico de perturbadora carência afetiva, elas combinam a necessidade de abandonar a dura realidade de um ambiente familiar hostil com o desejo de afirmação

do amor romântico. Essa combinação representa a gênese do abandono da terra natal e a consequente adesão ao Brasil como possibilidade de um futuro lar.

No caso de Bishop, esse futuro estava inserido no contexto de um romance homossexual relativamente aceito no ambiente social de elite em que ela teve acesso no Brasil, um país que vivia o entusiasmo da recuperação econômica advinda da vitória dos países aliados durante a Segunda Guerra Mundial. No caso de Scott, o futuro estava inserido no contexto de eclosão da Primeira Guerra Mundial. Um futuro que lhe reservaria enorme dramaticidade humana. Ao contrário de Bishop, que usufruiu o clima de euforia do pós-guerra em meio à alta sociedade carioca, Evelyn Scott vivenciou um Brasil de incertezas em pleno decorrer da Primeira Guerra e estabeleceu contato apenas com o povo humilde, tornando-se ela mesma uma destituída. Durante sua passagem pelo Brasil, Evelyn Scott e o companheiro Cyril Kay-Scott viveram a maior parte do tempo em uma casinha de sapé construída pelo próprio Cyril, no Rancho Cercadinho. Todavia, assim como Bishop, que escreveu poemas ontológicos em seu refúgio serrano no Rio de Janeiro, Evelyn Scott rascunhou (muitas vezes em papel de embrulho) as páginas originais da obra prima *Escapada* naquele rancho perdido no alto sertão baiano. Dois poemas são representativos dos espaços íntimos ocupados pelas escritoras durante sua passagem pelo Brasil: “Canção do tempo das Chuvas”, de Bishop, escrito na fazenda Samambaia, e “Mail on the Ranch” [Correspondência no rancho], de Scott, provavelmente escrito no Rancho Cercadinho.

<p>CANÇÃO DO TEMPO DAS CHUVAS Oculto, oculto, na névoa, na nuvem, a casa que é nossa, sob a rocha magnética, exposta a chuva e arco-íris, onde pousam corujas e brotam bromélias [...] Numa obscura era de água o riacho canta de dentro da caixa torácica das samambaias gigantes; por entre a mata grossa o vapor sobe, sem esforço, e vira para trás, e envolve rocha e casa numa nuvem só nossa. [...] Casa, casa aberta para o orvalho branco e a alvorada cor de leite, doce à vista; para o convívio franco [...]</p> <p>a grande rocha ficará desmagnetizada, nua de arco-íris e chuva, e o ar que acaricia e a neblina desaparecerão; as corujas irão embora, e todas as cascatas hão de murchar ao sol do eterno verão.</p> <p>Fonte: Elizabeth Bishop. O iceberg imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.</p>	<p>MAIL ON THE RANCH The old man on the mule Opens the worn saddle bags, And takes out the papers. From the outer world The thoughts come stabbing, To taunt, baffle, and stir me to revolt. I beat against the sky, Against the winds of the mountain, But my cries, grown thin in all this space, Are diluted with emptiness... Like the air, Thin and wide, Touching everything, Touching nothing</p> <p>CORRESPONDÊNCIA NO RANCHO [tradução nossa]</p> <p>O velho carteiro no lombo da mula Abre os alforjes surrados, E retira os papeis. Do mundo exterior Os pensamentos chegam golpeando Para me vituperar, me atarantar, me frustrar até a revolta. Eu bato contra o céu, Contra os ventos da montanha, Mas meus gritos, esvanecidos em todo esse espaço, Ficam diluídos pelo vazio ... Como o ar, Rarefeito e vasto, Tocando tudo, Tocando nada.</p> <p>Fonte: <i>The Collected Poems of Evelyn Scott</i>, edited by Caroline C. Maun, The National Poetry Foundation, 2005, p. 51</p>
---	---

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. Introduction. In: ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BACH, P. Evelyn Scott: 1920-1988. **Bulletin of Bibliography**, 46.2, 1989, pp.76-91.
- BISHOP, E. Canção do tempo das chuvas. In: BISHOP, E. **O iceberg imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. [Tradução: Paulo Henriques Britto].
- BRITTO, P. H. Bishop no Brasil. In: **Poemas do Brasil**. Seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- BRITTO, P. H. Elizabeth Bishop como mediadora.
http://www.lettras.pucrio.br/media/filemanager/professores/paulo_britto/Bishop%20como%20media%20dora.pdf Acessado em 7 de junho de 2020.
- CALLARD, D. **Pretty Good for a Woman: The Enigmas of Evelyn Scott**. New York: Norton, 1985.

CARPEAUX, O. M. Reflexos do Brasil. A Manhã, Rio de Janeiro, 14 set. 1947. Suplemento Letras e Artes, p. 1 e 12.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FOWLER, R. **Language in the News: Discourse and Ideology in the Press**. London, Routledge, 1991.

GOUDEAU, J. Elizabeth Bishop in Brazil. **Tese de Doutorado**. Austin: The University of Texas at Austin, 2014.

GOLDENSOHN, L. In the Footsteps of Elizabeth Bishop in Brazil. **Vassar Quarterly Winter**, p. 122-27, 1991.

JÄGER, S.; MAIER, F. Theoretical and Methodological Aspects of Foucauldian Critical Discourse Analysis and Dispositive Analysis. In: WODAK, R. e MEYER, M. (eds). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2009

JONES, P. C.; SCURA, D. **Evelyn Scott: Recovering a Lost Modernist**. Knoxville: University of Tennessee Press, 2001.

MARTINS, M. L. M. Brazil in the poet of Elizabeth Bishop: a dazzling dialect. **Tese de Mestrado**, UFSC, 1992.

MAUN, C. **Mosaico f Fire: the work of Lola Ridge, Evelyn Scott, Charlette Wilder, and Kay Boyle**. South Caroline: University of South Caroline Press, 2012.

ROEFERO, E. L. A arte de perder: viagem, amor e rupturas na poesia de Elizabeth Bishop. **Kaliope**, São Paulo, Ano 6, n.11 p. 25-49, 2010.

SAID, E. **Reflections on Exile and Other Essays**. Cambridge: Harvard U P, 2000.

SCOTT, E. Mail on the Ranch. In: MAUN, C. **The Collected Poems of Evelyn Scott**. The National Poetry Foundation, 2005, p. 51.

SCOTT, E. **Escapada**. Rio de Janeiro: Versal, 2019.

SCOTT-FRIES, D. A Life in Letters. <https://alifeinletters2017.wordpress.com>

SCURA, D. Afterword. In: SCOTT, E. **Escapade**. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 1995 [1923].

TENÓRIO, E. H. Critical Discourse Analysis: an overview. **ResearchGate**, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/268377265>

VAN DIJK, T. Discourse, context and cognition. **Discourse studies**, v. 17, n. 2, p. 359-383, 2006. Disponível em: [www.discourses.org]. Acesso em: 10 jan. 2019

VAN DIJK, T. Social cognition and discourse. In: GILES, H.; ROBINSON, W. P. **Handbook of Language and Social Psychology**. Chichester: Academic Press, 1990.

WHITE, M. **Fighting the current: the life and work of Evelyn Scott**. Louisiana: Louisiana State University Press, 1998.

WODAK, R. **Language, Power, and Ideology**. Amsterdam: Benjamins, 1989.

WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2009.